

# ENSINO DE PROJETO DE PAISAGISMO E, PORQUE NÃO?, DE URBANISMO E PROJETO DE ARQUITETURA

MACEDO, Silvio Soares

Arquiteto e Urbanista, Doutor em Arquitetura e Urbanismo, Professor Titular de Paisagismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (ssmduck@usp.br)

## Resumo

*Este texto objetiva discutir e apresentar procedimentos e métodos de ensino de atelier que têm sido desenvolvidos na FAUUSP. O enfoque é na experiência adquirida nas disciplinas obrigatórias de paisagismo, que enfocam o desenho da paisagem urbana e seus espaços livres, e que tem sido objeto de cursos e seminários pelo Brasil afora.*

*Estes métodos privilegiam uma formação integrada do aluno, sendo o “atendimento” apenas um dos procedimentos utilizados, em conjunto com seminários, aulas expositivas, visitas de campo e trabalhos dirigidos de atelier.*

## Abstract

*The paper main subject is to discuss the teaching methods in the brazilian architecture courses. It summarizes the experience acquired in the landscape architecture classes at FAUUSP, which emphasizes the urban landscape and its open spaces. The professors use a range of different methods, such as theoretical classes, student’s seminaries, field surveys and oriented practical works, which guarantee a more integrated formation.*

## Introdução

O ensino de projeto no cotidiano de muitas escolas de Arquitetura e Urbanismo tem se limitado a uma mera reprodução dos procedimentos cotidianos dos escritórios dos professores, arquitetos e urbanistas, que fazem com que as figuras e procedimentos tradicionais do estudo preliminar, anteprojeto e projeto (às vezes), sejam consideradas como partes e estruturas dos procedimentos didáticos adotados.

A prática de ateliê se torna, então, uma simulação da produção do projeto em escala de mercado, com as devidas proporções e restrições, e um fato é constantemente esquecido: a escola não é o escritório, como também o escritório não pode suprir a escola nas suas atribuições.

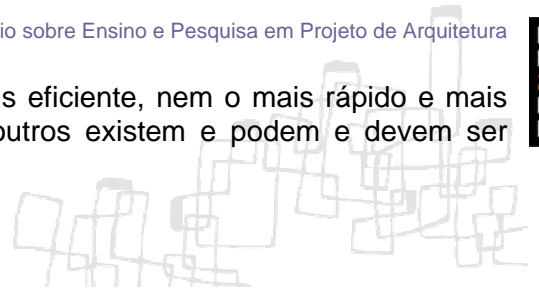
Por outro lado, subestima-se, por muitas vezes, a capacidade do aluno de criar espaços desde o início do seu curso, optando-se por projetos de objetos ou por levantamentos de campo, estudos de vizinhanças e exercícios gráficos, que solicita ao aluno a exploração de paletas de sombras, perspectivas, etc.

Por outro lado, as aulas expositivas, freqüentemente, não são bem-vindas, limitando-se a meras seqüências de diapositivos, bem ou mal organizadas, atualmente apresentadas em escolas com mais recursos em data-show.

Finalmente, os seminários são tortuosos e torturantes sessões de avaliação, nos quais os professores ouvem por horas os alunos, descreverem muito mal e de um modo infantil e canhestro seus projetos, desenhados a mão, com esquadros ou em Autocad, muitos deles pintados com lápis de cor (simplicemente, por vezes) sem medidas e cotas, sem cortes, acabamentos ou texturas. Duram horas e ao final só sobrevive o professor e a última equipe ou aluno e seus amigos mais chegados, que persistentemente, ou por obrigação ou piedade, agüentam o “suplício” até o final.

No caso, não estamos afirmando que disciplinas tradicionais não dêem necessariamente certo; podem até dar em classes pequenas, com turmas boas ou com grupos de professores numericamente suficientes ou interessados.

Mesmo dando certo, não são o procedimento didático mais eficiente, nem o mais rápido e mais abrangente (em especial em grandes turmas) e muitos outros existem e podem e devem ser também utilizados.



## O Aluno

Parte-se do princípio que o aluno é um indivíduo interessado e disponível para o aprendizado de Arquitetura e Urbanismo (A&U) e, portanto, do processo de projeto. Sabe-se também que muitos não desenham bem, e será impossível fazê-lo nos poucos anos da escola; outros tantos sabem fazer desenhos artísticos; outros fizeram escolas técnicas e outros, por fim, só mexem em computadores.

O aluno médio, em geral, tem grandes dificuldades de expressão verbal, não sabe organizar apresentações e escreve em mau português. Por fim, para piorar a situação, é embuído pela cultura dos arquitetos e urbanistas – professores – que A&U é arte pura e que o “design” ou desenho de projeto pode redimir a sociedade de seus males.

Outros tantos alunos possuem posturas socialmente engajadas e mal conseguem traçar esboços de soluções espaciais, limitando-se a críticas, críticas caricatas ou desenhos toscos.

Um terceiro tipo de aluno chega “sabendo” fazer projetos – idênticos aos do mercado ou de seu ídolo arquiteto, como Richard Meyer, Niemeyer, Lelé ou até um pós-modernista qualquer.

No geral, as dificuldades pessoais do aluno são grandes e, talvez, a principal seja causada pelos procedimentos didáticos, que o induzem a pesquisar e discutir muito (o que é excelente!); criar pouco, desenhar em Cad, que parece a solução dos males do mundo... e que sonha em trabalhar em um escritório para aprender?

O estágio, obrigatório ou não, é visto pelo aluno como a solução dos problemas escolares e, naturalmente, um meio de se ganhar um dinheiro extra (um fato positivo para o crescimento individual do estudante).

Observamos freqüentemente que mesmo alunos de alto nível, com longa prática em escritórios, esbarram em problemas projetuais similares aos de seus colegas de primeiro ano, como falta de noção de escala, repertório, vivência mínima dos espaços para os quais pretende projetar, expressão verbal e escrita, enfim, de procedimentos de criação e apresentação.

## O Professor

Até os últimos anos do século XX, quando os cursos de mestrado não existiam ou eram poucos – centrados no Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Porto Alegre –, o jovem professor era um discípulo de um “velho” professor que, como auxiliar ou substituto, era contratado para dar aulas e, como ouvira falar e fora submetido a tal, adota os procedimentos tipo “escritório” nas suas aulas e as ilustra com diapositivos de sua coleção de visitas e viagens; enfim, um amador de boa vontade.

Essa foi, e ainda será, para muitos a trajetória de um grande número de docentes em A&U no país, que evoluirão às custas de muito esforço e derrotas – o aprender fazendo – causando, pois, um grande desgaste para seus jovens discípulos e para sua figura.

Os cursos de pós-graduação existentes pouco oferecem em suas grades aos interessados na docência, já que se voltam, prioritariamente, à formação de um corpo de pesquisadores de alto nível (fundamentais para o país) e à construção de um corpo sólido de conhecimento em A&U.

Somente uns poucos e raros curiosos se voltam ao estudo de procedimentos pedagógicos, buscando informações em cursos de Educação que, apesar de sua alta qualidade, não estão voltados para o ensino de processos criativos, como os desejáveis para A&U, tendo estes que proceder às necessárias adaptações nem sempre com sucesso.

O tempo de atividades, a desconfiança que outros procedimentos são factíveis, os erros e acertos, a criação de alternativas e a revisão de posturas pessoais têm possibilitado avanços consideráveis que, entretanto, ficam restritos a seus autores e afiliados, existindo por decorrência um quadro geral defasado e desbalanceado, no qual as experiências individuais ou de pequenos grupos são perdidas ou esquecidas, devido a sua pouca divulgação, ou mesmo desprezo por seus pares.

## Posicionamentos

A partir da década de 1990, uma série de trabalhos e discussões têm sido efetuados, tendo como objetivo uma revisão dos procedimentos tradicionais do ensino prático em A&U, estendendo-se, no caso, as disciplinas de Paisagismo, em geral, consideradas como práticas que deram origem a algumas teses e trabalhos, sem, entretanto, reverterem em uma real evolução no quadro do ensino.

Pode-se considerar que:

- a divisão tradicional em estudo preliminar, anteprojeto e projeto, só é eficaz em momentos mais adiantados do curso, devendo ser evitada como procedimento;
- os alunos de todos os anos têm dificuldades similares, tais como compreensão de escala e dimensão, falta de repertório ou excesso de repertório “viciado” – isto é, só fazem projetos nos moldes de Artigas, Lelé, Burle Marx, ou outros mais;
- o processo de aprendizado do pensar tridimensionalmente é lento e não alcançado por muitos alunos. Devem ser criadas estratégias para que todos possam obtê-la ao mesmo tempo;
- o significado do seminário deve ser recuperado, isto é, todos discutem sobre um mesmo assunto, um mesmo objeto ao mesmo tempo e não a tradicional exposição cansativa de trabalho;
- um projeto discente para ser considerado adequado dificilmente será uma boa resposta na medida em que esta for a primeira solução que o aluno conseguiu dar para o problema proposto;
- após a colocação do problema projetual, aulas expositivas longas e seqüenciadas são maçantes e meramente informativas, pouco contribuindo para o interesse do aluno ao problema em pauta – estes usualmente pouco se lembram do seu conteúdo;
- levantamentos e visitas de campo longos e executados sem um entendimento claro do seu significado, tornam-se meros passeios, principalmente se efetuados antes de um primeiro posicionamento projetual sobre o tema proposto;
- mapeamentos longos e exaustivos e levantamentos bibliográficos historicistas só servem para adiar e desviar a atenção dos alunos para a ação projetual proposta. O conhecimento adquirido de tal modo é pouco e dificilmente se rebate no trabalho final.
- o avanço constante das novas técnicas de documentação, mesmo no Brasil, disponibiliza para uso imediato um rol de informações impossíveis de serem adquiridas rapidamente em passado recente – anos 1990.
- nem todos os alunos sabem, e jamais saberão, desenhar bem. Eles podem com certeza valer-se de técnicas gráficas alternativas para alcançar seus objetivos em A&U, como maquetes eletrônicas e o uso de computadores.

## Considerações

Acreditamos que os anos de experiência de ensino de um indivíduo, ou de uma equipe, devem ser documentadas em seus sucessos e falhas, de modo a servirem de base para o início dos trabalhos de docentes em A&U. Cada nova geração deve revisar as velhas posturas e adequá-las ao seu cotidiano, criando novas. O abandono e revisão das fórmulas tradicionais, total ou parcial, podem ajudar a melhorar em muito a qualidade dos cursos de A&U. Os estudos realizados e a prática adquirida indicam que:

- uma disciplina deve ser focada sobre um único objeto de estudo, de modo a criar uma situação de competitividade, comparação e cooperação entre os alunos, e de total cooperação entre o corpo discente e docente.
- deve ser oferecido aos alunos o maior número de informações sobre o local de trabalho – plantas, mapa, dados censitários, fotos aéreas e terrestres –, de modo a maximizar o tempo de análise e diagnóstico e, especialmente, os procedimentos de projeto.
- o trabalho de ateliê só terá bons resultados se acompanhado de aulas expositivas, seminários constantes e visitas a campo.
- toda aula prática ou não deve ter objetivos claros a serem alcançados pelos alunos.
- ao final de toda a aula deve ser feito um seminário/debate – conjunto sobre as atividades do dia –, para avaliar os progressos efetuados e verificar como, e em que nível, os objetivos foram alcançados – mesmo que esses tenham sido cumpridos por um só aluno ou equipe (este fato não importa, já que o trabalho mais adiantado servirá de padrão para os demais e todos aprenderão com ele).
- o seminário deve se pautar pela discussão do professor e dos alunos sobre os trabalhos colocados na parede. Exposições verbais e explicações de desenhos não claros devem ser minimizadas e, de fato, eliminadas.
- devem ser explicados os padrões de apresentação, já que uma das ferramentas de A&U é um produto gráfico que se auto-explica. No caso, mesmo em avaliações diárias e parciais, os produtos do dia devem ser claros.
- o uso de maquetes e cortes, populares entre os alunos com meios de representação, deve ser utilizado como procedimento cotidiano no ato de projetar.
- a primeira proposta projetual, em qualquer escala de abordagem, do edifício ao bairro, da praça ao conjunto habitacional, deve ser feita antes de qualquer visita de campo, baseada exclusivamente em dados disponíveis. Deste modo, as visitas de campo serão mais aproveitadas por todos, pois servirão de balizadoras para correções e novas propostas.

Esses procedimentos têm sido aplicados por alguns professores do Grupo de Disciplina Paisagem e Ambiente (GDPA) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP), e têm se mostrado muito eficientes, na medida em que conseguem envolver, de um modo bastante completo, os alunos que, em relação a tempos passados; têm rendimentos, envolvimento e apreensão de conteúdos bem superiores.

O processo de ensino em A&U é uma ação em constante evolução, juntamente com os conteúdos das disciplinas, já que são consolidadas pelos diversos procedimentos de pesquisa, em andamento e já completados.

## Bibliografia

ANAIS DO I ENEPEA — Encontro nacional de professores de paisagismo de escolas de arquitetura. Rio de Janeiro, 1994.

ANAIS DO II ENEPEA — Encontro nacional de professores de paisagismo de escolas de arquitetura. São Paulo, 1995.

ANAIS DO IV ENEPEA — Encontro nacional de professores de paisagismo de escolas de arquitetura. Florianópolis, 1998.

ANAIS DO V ENEPEA — Encontro nacional de professores de paisagismo de escolas de arquitetura. CD-ROM. Rio de Janeiro, 2000.

ANAIS DO VI ENEPEA — Encontro nacional de professores de paisagismo de escolas de arquitetura. CD-ROM. Belo Horizonte, 2000.

BAKHTIN, Mikhail, Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec. 1997.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Site: [www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br), 2004.

BRASIL. Portaria Nº 1.770 - MEC , de 21 de Dezembro de 1994 Fixar as diretrizes curriculares e o conteúdo mínimo do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo. Site: [www.asbea.org.br](http://www.asbea.org.br), 2004.

BRASIL. Proposta de Diretrizes Curriculares Nacionais Para o Ensino de Graduação em Arquitetura e Urbanismo, tendo em vista o disposto no Art. 9º, § 2º, alínea 'c', da Lei nº 9.131, de 25 de novembro de 1995. Site: [www.asbea.org.br](http://www.asbea.org.br), 2004.